

O ENIGMA DA ÁRVORE DA VIDA¹

Por Igor Miguel

O MUNDO EM DUAS REALIDADES

Sem dúvida o ocidente tem uma grande dívida com a mentalidade grega. Dívida que envolve toda influência cultural, intelectual e religiosa da grande civilização helênica. Obviamente, não se deve pensar que entre os gregos havia uma uniformidade de pensamento e percepção religiosa. Porém, há ideias disseminadas no ocidente e principalmente no meio cristão, que possuem raízes na forma grega de ver, compreender e pensar o mundo.

Como se sabe, os gregos dedicavam muito tempo à reflexão e a compreensão do *mundo*, do *homem* e da *existência*. Essa dedicação tinha por intuito comprovar se os dados obtidos com a simples observação dos fenômenos captados com os sentidos eram suficientes ou não para se chegar a algum conhecimento verdadeiro sobre a natureza das coisas. Depois de diversas reflexões ou debates, um grande filósofo, Platão, chegou à conclusão de que o mundo físico ou o mundo das coisas observadas pelos sentidos, não era a coisa real. O mundo observável e as coisas que nele estão são projeções de uma verdadeira realidade não detectada com os sentidos. Mais tarde, na idade média, ao aspecto invisível da realidade deu-se o nome de *universais*, enquanto ao mundo material observável deu-se o nome de *particulares*. A estrutura abaixo procura ilustrar esta percepção greco-medieval de mundo:

Universais (realidade)

Espiritual

Graça

Metafísico

Teórico

Extraordinário

Particulares (projeção)

Material

Natureza

Físico

Prático

Ordinário

A partir desta abordagem filosófica de um mundo dividido entre uma *realidade essencial ou não-físico (universais)* e o *mundo físico, a natureza e as coisas observáveis (particulares)*, nasceu o que se chama de uma *visão dicotômica de mundo*, ou seja, uma compreensão de que o mundo é dividido em duas dimensões: uma dimensão superior, invisível e não compreendida com os sentidos e uma outra dimensão inferior, visível e natural.

Para algumas pessoas influenciadas pela tradição de Platão, o mundo físico e da natureza eram experiências limitadas, eram ilusões ou projeções incompletas da verdadeira realidade que é invisível ou espiritual. Muitas correntes filosóficas e religiosas nasceram desta forma de pensar, dentre elas vale destacar o *ascetismo*. O ascetismo é um estilo de vida fundado na ideia de que o mundo é ruim, que o mundo natural é desprezível e que se uma pessoa realmente deseja ter acesso à verdadeira

¹ Este texto foi inspirado em excelentes impressões que tive em diálogos judaico-cristãos com meus irmãos Guilherme Carvalho (L'Abri e AKET), Rodolfo Amorim (L'Abri e AKET), André Tavares (AMES e AKET), Leonardo Ramos (AKET) e Marcel Camargo (CADI) no encontro que denominamos *Orvalho*, que aconteceu na cidade de Rio Acima-MG entre os dias 10 e 13 de junho de 2009. Louvo a Deus pelos pontos de contato entre a teologia judaico-messiânica e a tradição neo-calvinista inaugurada por *Abraham Kuyper*.

sabedoria ou à verdadeira experiência “espiritual” ou “intelectual” ela deveria se desligar e renunciar ao máximo a ilusão da imperfeição do mundo dos *particulares*.

Um cristão sincero, nesta altura, poderia fazer a seguinte objeção: *Mas, isto não é cristão? Afinal, ser cristão é desligar-se do mundo, da carne, da rodas dos escarnecedores, dos prazeres e santificar-se para viver-se uma vida espiritual, próxima da realidade dos céus.*

A afirmação acima pode estar travestida de uma linguagem cristã, porém ela é em essência uma afirmação enraizada no velho pensamento grego de uma *visão dicotômica de mundo*.

Geralmente cristãos sob influência desta forma de pensamento, pautam sua espiritualidade e sua forma de ver o mundo no seguinte esquema:

Espiritual	Não-Espiritual
Oração, Culto e Ministério	Trabalho e Estudo
Igreja e Missões	Empresa e Escola
Confraternizações e Reuniões Comunitárias	Família e Casamento
Música Sacra	Música Secular
Salvação	Vida Social/Intelectual
Espírito	Corpo/Mente
Eterno	Temporal
Celestial	Terreno
Sobrenatural	Natural

A partir desse diagrama, o que se percebe é que muitos cristãos sinceros vivem em um esquema greco de compreensão do mundo² e o grande escândalo disso é que sob um ponto de vista bíblico judaico-cristão, esta *visão dualista de mundo* é distorcida e não tem qualquer fundamento nas Escrituras Sagradas.

A CRIAÇÃO É MUITO BOA

O que se sabe por meio da Bíblia é que toda criação é boa (Gênesis 1-2) e que Deus apesar de estar nas alturas, fez da terra um lugar de repouso para Seus pés³.

O Jardim do Éden não pode ser visto apenas como um jardinzinho cheio de plantinhas e passarinhos, um lugar bucólico e secreto de perene tédio. Diferente disso, o Éden é um lugar onde a vida é plena, onde a criação é extravagante, as cores, as flores, os frutos, os animais, os céus, as aves e o homem, tudo expressa harmoniosamente a natureza de um Deus criativo que não suporta a deformidade. A resposta de Deus a uma terra sem forma e vazia é análoga à resposta de um pintor a uma tela em branco.

O Éden tornou-se perene imagem de um lugar onde há uma rede de bençãos mútuas, *criatura, Criador e criação* trocam afetos e respostas. O Éden é o único lugar no tempo e no espaço que suportou o homem em sua totalidade. Nenhum lugar no universo daria conta de suportar o homem

² Cosmvisão.

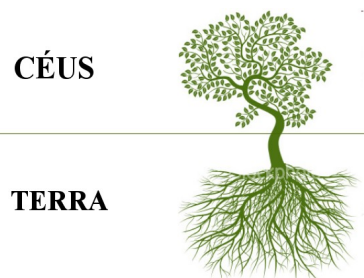
³ “[...] o céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis vós? E qual é o lugar do meu repouso?” (Is 66:1).

em toda sua complexidade, em toda *imagem e semelhança* de seu Criador. Nenhuma dimensão fora dos ilimitados limites do jardim poderiam suportar Adão e Eva. A unidade do casamento nunca fora tão impressionante como quando acontecera pela primeira vez. O casamento entre o primeiro homem e a primeira mulher foi testemunhado pela liturgia do fluxo de misericórdia que emanava de Deus através de todas as cores, cheiros, texturas e matizes do jardim.

No jardim, *céu e terra* se fundem sem se confundirem, *Deus e Criação* se unem sem serem absorvidos mutuamente, há parceria, há acolhimento e hospitalidade. No Éden não há dicotomias entre *espiritual e não-espiritual*. O não-espiritual só viria mais tarde como resultado do pecado. No Éden todos os gestos, toda ação, toda rotina, tudo tem profundas implicações espirituais. A rotina e o cultivo glorificam a Deus. Culto e trabalho são uma coisa só. Gerência e liturgia plasmam-se. Sexo e plenitude traduz-se em uma só carne. Unidade e identidade não entram em choque. No Éden não há um paraíso celestial chamado céu, só há criação. O paraíso está com os homens, está entre eles, está dentro e fora deles, tudo é paradisíaco! A vida é cheia de emoções, de arrepios, de calor e excitação. A vida é uma explosão de prazer e realização, é plenitude. Há lá um símbolo desta vida plena: *A árvore da vida*⁴.

ANATOMIA DA ÁRVORE DA VIDA

A árvore da vida é emblemática. Ela está lá com suas raízes fortes ancorada na terra. Suas raízes são como pernas grossas, como tentáculos agarrando-se na realidade. Firma sua presença com profundidade na criação, deixa claro que está em comunhão com a *adamá*⁵. Por outro lado, sua copa é densa, seus galhos emaranham-se no ar, nos céus ascende seus ramos como mãos que tocam o que está além. Mas, esta árvore tem frutos, resultado deste encontro, da comunhão entre *céu e terra*, representada por sua estrutura anatômica. Assim, a árvore da vida é o marco, o símbolo da proximidade da realidade de Deus e dos homens, produzindo alimento, plenitude e vida.



A árvore da vida ensina que a vida só é possível quando céu e terra se encontram, quando Deus e criação comungam, quando *logos e práxis* se beijam, quando culto e rotina se tornam uma coisa só. A ilusão de um mundo dividido é efeito do não-espiritual: *o pecado*. O pecado cria uma percepção embaçada da realidade, pois não é uma percepção conciliadora e multidisciplinar, é reducionista e fragmentada. O pecado não promove encontro e comunhão, mas discórdia e ruptura; não estimula o diálogo, mas o monólogo; e ao invés de constituir comunidades, funda-se ora no *individualismo*, ora no *coletivismo*.

PROFECIA: A SEMENTE DA ÁRVORE

O homem saiu do jardim. Sua música tornou-se desarmônica com a melodia da orquestra e o maestro o tirou do concerto. Deste dia em diante, viveria o homem em perene desafino à procura de um diapasão para novamente afinar seu instrumento. Mas, há esperança! Há uma música que continua tocando, há uma memória do ritmo, do pulso e do movimento do regente.

O homem saiu do jardim, mas uma semente foi preservada. Plantar novamente a árvore é agora o projeto esperado, a chance de redenção. Os profetas por meio de parábolas, oráculos e dramatizações, procuravam comunicar, esgotando toda didática oriental à possibilidade de

⁴ Em hebraico: *êts chaim*.

⁵ Em hebraico: solo ou terra, uma das matérias primas do homem, quando fora criado do “pó da terra”. O próprio termo “homem” - *Adam* (Adão) - fora derivado filologicamente de *adamá*.

reconstituição do jardim.

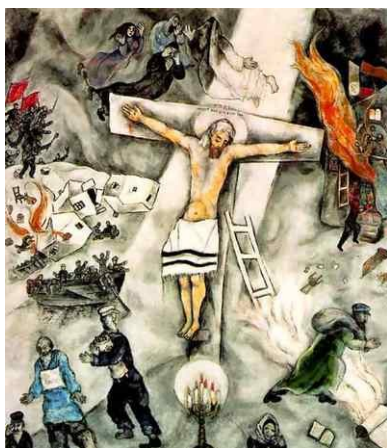
A semente é passada de geração à geração, de homens fiéis a homens fiéis. Há porém, os inimigos da semente, esses são os amigos do caos, da desordem e das dicotomias. Esses querem roubar a semente, querem neutralizar a esperança de que céu e terra podem se encontrar novamente. Eles fazem torres ao invés de altares. Grandes civilizações ao invés de tendas. Fazem manchas ao invés de arte. Fazem sexo e não fazem amor.

BROTO E RAIZ

Na tradição de esperança inaugurada pelos profetas há um broto que nasce do tronco de Jessé. Da madeira apodrecida e consumida pela maldição levanta-se uma voz. Um Mestre Ungido, da casa real, porém procedente da região dos camponeses. Profeta misterioso que ensina seus alunos a oração que diz: "... seja feita a tua vontade assim na *terra* como nos *céus...*", ali ele renova a tradição de que Deus e criação podem novamente se juntar. O Mestre de Nazaré propõe que os irreconciliáveis podem se encontrar e que vida em abundância é experimentar a plenitude e a integralidade da criação em todo seu potencial.

Este homem judeu, chamado Yeshua⁶, palavra em carne, antecipa o Éden e novamente anda em uma terra que se tornou sem forma e vazia por efeito da desobediência. Observa o caos e por meio do poder do mesmo Espírito que pairava sobre a face das águas, caminha sobre o grande lago mostrando que a vida tem domínio sobre a incerteza. Temer a criação não é uma boa opção. O homem deve comportar-se encontrando-se com a criação, ordenando-a, revelando-se como *filho de Deus*⁷, exercendo seu sacerdócio, representando a soberania de Deus sobre as coisas que foram criadas.

A ÁRVORE DA MORTE TORNOU-SE DA VIDA.



White Crucifixion de
Marc Chagall (1887-1985)

A tragédia seria inevitável, o sacrifício tinha que acontecer. Agora, o profeta teria que se tornar um sacerdote e ao invés de levar o novilho para o sacrifício, oferece-se, sacrifica-se para reconciliar céu e terra.

Amaldiçoado e sentindo o cheiro da morte, ele é levantado, erguido e pendurado em uma árvore⁸. Em madeira nobre o Ungido de Deus é erguido em sofrimento, estigmatizado e envergonhado. A árvore da morte e da vergonha tornou-se símbolo de trauma para muitos. Os que não entenderam a árvore, fizeram dela um cruzeiro de perseguição. Já os que compreenderam sua mensagem, viram nela um símbolo do triunfo definitivo da vida sobre a morte. Assim, o discurso de que a palavra se fez carne e foi crucificada, torna-se uma

mensagem *escandalosa para judeus e louca para gregos*. Mas, este foi o meio: a árvore que era para morte, tornou-se da vida, aproximando novamente terra do céu.

6 O nome de Jesus em hebraico pós-exílico, quer dizer *O Senhor (YHVH) que salva*.

7 Rm 8:19 e seg.

8 Há duas expressões no NT que se referem ao instrumento da crucificação: *cruz* e *madeiro*. O termo grego para cruz é *stauros* e para madeiro é *ksilon*. Esta última pode ser traduzida literalmente por "árvore". Corresponde ao termo *êts* em hebraico. "[...] por quanto o que fora pendurado no madeiro [ets] é maldito de Deus [...]" (Dt 21:23). Sabe-se que o talmud, tratado *sanh'edrim* faz uma menção que a crucificação tenha ocorrido em uma "árvore". Porém, deve -se deixar claro, que em hebraico, a madeira bruta, também é chamada de *êts*. De qualquer forma a cruz remete inevitavelmente ao "madeiro" (árvore). O que possibilita uma associação interessante entre a árvore da vida e a cruz.

O broto de Jessé remete inevitavelmente a Isaque, quando “*Abrão tomou o madeiro⁹ do holocausto e a colocou sobre Isaque...*”¹⁰ e o paralelo é imediato com uma frase de Pedro, o discípulo que o negara, quando disse: “*...carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados*”¹¹.

Por isso, a sabedoria, a palavra, o verbo (João 1:1), que andava no jardim¹², pode falar de si mesmo pelos provérbios do famoso Rei Salomão:

O SENHOR me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci. Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo. Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo; quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não traspassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra; então, eu estava com ele e era seu arquiteto, dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo; regozijando-me no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens. Agora, pois, filhos, ouvi-me, porque felizes serão os que guardarem os meus caminhos (Pv 8:22-32).

Felizes os que guardam o caminho da sabedoria crucificada, felizes os que compreendem sua mensagem. Pois a sabedoria arquitetou a vida e por isso pode reconstituí-la. Pois os caminhos de Jesus são “*... deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm. O Senhor com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus...*”¹³

Yeshua juntou o que estava separado, aproximou o céu da terra. Ele rasgou o véu da ilusão, que separava o santo lugar do santo mundo criado por Deus. Rompeu com as limitações sociais que separavam indivíduo e comunidade, pensamento e ação, liturgia e rotina, homem e Deus. Por isso, a tragédia da cruz, tornou-se um golpe estratégico, uma semente que morreu por isso produziu muitos frutos¹⁴. O madeiro tornou-se árvore da vida, pois desfez as falsas dicotomias.

O discípulo fariseu¹⁵, Paulo, ex-estudante do Rambam Gamaliel, entendera que o madeiro é a árvore da reconciliação, pois em uma de suas cartas aos seguidores de Jesus na cidade de Colossos disse:

Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a

9 No hebraico *êts*, que significa: árvore.

10 Gn 22:6. Há um interessante paralelo entre o quase-sacrifício de Isaque e a crucificação na tradição judaica: “*... e tomou Abraão as madeiras para o holocausto e pôs sobre Isaque, seu filho (Gn 22:6) – este é como alguém que carrega sua cruz em seus ombros.*” (Midrash Bereshit Rabá Vayerá 56:3).

11 I Pe 2:24.

12 “*... ouviram a voz do Senhor Deus que andava no jardim na viração do dia...*” (Gn 3:8). Este texto pode ser interpretado como que a “voz do Senhor” que andava. Esta foi uma interpretação muito corrente no I século entre os judeus. Daí, nasceu a tradição da “palavra” (logos) ou da “sabedoria” (Pv 8:22 e seg.) como mediadora da criação.

13 Pv 3:17-19.s

14 “*... se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto*” (Jo 12:24).

15 Paulo, mesmo depois de sua experiência com Jesus, reafirma sua vida farisaica: “*Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus!...*” (At 23:6, grifo nosso).

plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua **cruz**, por meio dele, **reconciliasse** consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a **terra**, quer nos **céus** (Cl 1:18-20).

A semente que os profetas transmitiram pelas gerações agora começa a brotar, com raízes profundas e ramos altos.

JARDIM RECONSTITUÍDO

Yeshua, depois de sua unção para profetizar, agora subiu aos lugares mais altos e lá fora ungido sacerdote para sempre¹⁶. Porém, para que sua função messiânica¹⁷ seja plenamente realizada, ele precisa receber sua última unção: a realeza.

A realeza se manifestará em breve, quando Ele o Messias julgar todas as coisas e estabelecer plenamente seu Reino. Sua realeza sobre a terra fará que a justiça habite novamente sobre a criação. Haverá longevidade e alegria. Crianças brincarão com toda intensidade e ainda assim não se cansarão. Não se ouvirá falar mais de guerra. O pobre será redimido da pobreza. O tolo se tornará sábio e educado. As ruas se encherão de mestres e de parábolas. Haverá abundância de pão e de vinho. Cantos e danças se ouvirão, famílias se alegrarão e a tirania será erradicada da terra.

Este reino é escatológico? Não e sim. Não é escatológico quando se compreende que este reino já está disponível. Eis o Reino anunciado por João Batista, por Jesus, pelos apóstolos e vem sendo anunciado. Um Reino que pode ser antecipado pela comunidade dos santos, pela presença dos filhos de Deus em sua criação.

Os santos no mundo, contagiam o mundo. Transformam comunidades fundando pequenas zonas de justiça ou nos termos de Nicholas Wolterstorff: *jardins de shalom*. Os santos expurgam a pobreza, amando o pobre. Igualmente, levam uma cultura redentora para os círculos acadêmicos. O Reino está lá na universidade quando cientistas e pesquisadores que seguem as palavras de Deus, não fazem separação entre o conhecer e o adorar. A árvore da vida estabelece suas raízes na empresa, na família, na rotina, no trabalho, na política, na escola, na universidade, na empresa, nas forças armadas, no hospital, na engenharia e na informática. Os que entendem a mensagem do madeiro, dão continuidade à missão do Messias de reconciliar nele todas as coisas, plantando uma árvore cujos galhos e raízes aproximam a realidade de Deus à realidade dos homens.

O Reino de Deus é discreto, não está nas grandes mobilizações, no triunfalismo ou em grandes instituições. A árvore brota dos pequenos gestos, das pequenas sementes, ao menos é isso que se pode inferir das palavras de Jesus quando disse:

O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz **árvore**, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos. (Mt 13:31-32).

16 Hb 7:36 seg.; 9:11 seg.

17 O termo "Messias" vem do hebraico *Mashiach* e foi traduzido para o grego como *christú*. Messias, significa "Ungido" ou "Untado com Óleo". O título *mashiach* só era concedido a profetas, sacerdotes e reis. Jesus, neste aspecto, cumpre plenamente os três ofícios ungidos. Em sua vocação messiânica, observa-se uma gradação, quando veio como profeta anunciando o Reino de Deus. Como sacerdote eterno, após sua ressurreição e ascensão (esta é a teologia da Carta aos Hebreus). E finalmente, Ele virá como Rei quando estabelecer seu Reino Messiânico sobre a terra.

Justamente quando *escatologia e história, futuro e presente, profecia e cumprimento* se fundirem, acontecerá o que fora previsto por João: *novo céu e nova terra*, a Nova Jerusalém descerá do céu¹⁸. Nesse dia, como no início, tudo voltará a ser pleno: as cores se intensificarão novamente, o homem viverá em plena realização, de novo *será necessário um mundo que dê conta, que suporte a presença de um homem à imagem e semelhança de Deus*. As dicotomias acabarão, o divórcio será abolido, tudo se harmonizará e novamente lá estará ela. Ela quem? A árvore! A bendita árvore, plantada no Jardim para cura, plenitude e restauração de todas as nações:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. (Ap 22:1-4).

*Chadesh! Chadesh iameinu keedem*¹⁹.

חדש חדש ימינו כקדם

Renova! Renova os nossos dias como nos tempos antigos.

18 Ap 21:1 e seg.

19 Parte final da oração litúrgica chamada *êts chaim* (árvore da vida). Esta oração é cantada nas sinagogas quando a Torá é guardada no *Aron HaKodesh* (no armário onde os rolos sagrados são guardados).